

## #63 28 Versos de Tilopa a Naropa 1 – RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari 22/08 a 30/08

Revisão: Mônica Kaseker 25/11/2024

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #63

*Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.*

*Caso tenha contribuições para melhorar essa transcrição, entre em contato pelo email [repositorio.transcricoes@gmail.com](mailto:repositorio.transcricoes@gmail.com).*

### Tabela de conteúdos

---

- Versos de Tilopa a Naropa 1

- [1]
- [2]
- [3]
- [4]
- [5]
- [6]
- [7]
- [8]
- [9]
- [10]
- [11]
- [12]
- [13]
- [14]
- [15]
- [16]
- [17]

### Versos de Tilopa a Naropa 1

---

Nós estávamos examinando o texto Iluminação da Sabedoria Primordial. Tem uma parte em que nós vamos descrever essa abertura, essa prática que Dudjom Rinpoche vai dizer que é a abertura que tudo penetra. Nesse momento, se nós quisermos descrever com mais detalhes ou seguir contemplando o que seria isso, como aprofundar nisso, seria o momento de nós estendermos essa contemplação através dos ensinamentos de Tilopa a Naropa nas margens do Rio Ganges. Uma vez que nós terminarmos essa parte, agora seria estendermos essa contemplação e olhar como que isso é apresentado por Tilopa a Naropa. Este seria um ensinamento Mahamudra, sobre o Mahamudra.

De modo geral esses ensinamentos pertencem à linhagem Kagyü, mas as linhagens estão todas interligadas, especialmente a Kagyü e a Nyingma. Esses ensinamentos transitam. Eu vou trazer esse estudo correspondente ao Mahamudra.

Só lembrando esse contexto, eu acho interessante que vocês olhem a vida de Tilopa, a vida de Naropa, que é considerado o início da linhagem Kagyü. Tilopa e Naropa moravam na Índia. Na sequência temos Marpa, que vinha do Tibete para a Índia para estudar os textos, para receber ensinamentos e voltava e seguia dando ensinamentos. Ele é um mestre que não vive em um mosteiro propriamente. Ele vive numa comunidade com famílias, eles cultivam a terra, eles se mantêm e vão funcionando em grupo. Têm pessoas em retiro, têm ensinamentos, funcionava desse modo num grupo não muito grande. Esse grande mestre Marpa termina se tornando o mestre de Milarepa. Milarepa vai buscá-lo.

Milarepa recebe ensinamentos Dzogchen, mas esses ensinamentos não servem para ele, não funcionaram porque ele tem um nível de orgulho. Tendo feito muitas ações não virtuosas, ele se alegrou porque recebeu ensinamentos Dzogchen, que poderiam resolver todos os problemas cármicos que ele tinha causado. Quando ele recebe aqueles ensinamentos, ele vai fazer as práticas, mas ele tem conexões cármicas no sentido de torpor e orgulho. Aqueles ensinamentos não brotam vivos dentro dele e ele não progride. Aí o mestre que deu esses ensinamentos manda-o procurar por Marpa. Esse é o tempo dos ensinamentos dele com o Marpa.

Quando Milarepa, enfim, de fato avança na prática e se torna um grande mestre em retiro permanente, ele termina recebendo. Tem um outro grande praticante que ouviu os ensinamentos da linhagem que estava iniciando o processo de reinstalação do budismo no Tibete e recebeu os ensinamentos, mas ele sonhava constantemente que haveria de encontrar um mestre que pudesse efetivamente introduzi-lo na experiência daquilo. E aí Gampopa surge. E vai seguindo.

Depois o principal aluno de Gampopa se torna o Karmapa. Aí vem a sucessão de Karmapas que segue ainda hoje. Karmapas são as pessoas superiores dentre os dirigentes da própria linhagem Kagyü. A linhagem Kagyü também vai surgindo com diferentes ramificações, mas ela opera desse modo.

No início, bem no início, nós temos Tilopa e Naropa. Naropa foi o principal debatedor na universidade de Nalanda na Índia. Ele tinha um [alto] nível de realização, era uma pessoa de grande compreensão, de grande lucidez, um erudito completo, mas ele tinha a sensação de que faltava alguma coisa. Ele não tinha a realização e também não sabia o porquê.

Ele sonhou muitas vezes também que encontraria um mestre que abriria isso. Ele tem visões de Dakinis que apontam isso. Ele termina abandonando a universidade de Nalanda e se dirigindo à procura de Tilopa. Ele tinha esse nome já, ele recebe em sonho esse nome. E ele vai procurar Tilopa.

Tilopa era um Mahasida, era uma pessoa que vivia numa compreensão completa dos ensinamentos sobre a natureza última, sobre a essência da mente. Ele vivia a radicalidade daquilo como os Mahasidas. Quando Naropa encontra Tilopa, ele morava debaixo de uma ponte como mendigo num lugar fétido, sujo. Naropa disse: você é Tilopa? Você é meu mestre? Tilopa disse: eu não sou mestre de coisa nenhuma, eu não sou nada. Naropa disse: é sim! E aí ele se torna aluno de Tilopa.

Ainda que durante um tempo isso pudesse parecer vantajoso, Naropa tinha grande dignidade. Ele era de uma família brâmane que se converteu ao budismo. Ele era apumado, fazia o que devia fazer, não fazia o que não devia fazer. Ele tinha um senso de identidade e justamente esse senso de identidade era um problema para ele. Tilopa tinha que destruir isso, senão Naropa não ia conseguir avançar. Essa foi uma parte um pouco dolorida na vida de Naropa, literalmente dolorida.

Naropa vai terminar se transformando num Mahasida. Ele vai ter que lidar com as coisas todas desde a natureza última. Tilopa exerce sua função do mesmo modo que Marpa, depois, vai fazer essencialmente o mesmo com Milarepa. Quando chega num certo ponto na prática da conexão deles, é como se os ensinamentos preliminares tivessem concluídos.

Naropa, depois de ter estudado tudo e passado por todas aquelas dificuldades, está no ponto de ouvir os ensinamentos do Mahamudra, que é esse conjunto aqui. Naropa, quando ouve isso, ouve dentro da experiência toda que ele teve. O lugar, o ambiente mental onde ele opera é diferente do ambiente mental por quem não passou por isso.

Nós podemos facilmente ouvir isso dentro das bolhas de realidade. Ouvimos isso, colocamos na prateleira e pronto. Isso perde efetividade, não chega a ser efetivo. Se nós não tivermos esse lugar para ouvir isso, essas palavras podem nos ajudar para vidas futuras. No mínimo elas surgem como uma benção que nos ajuda a manter uma conexão nessa vida e em vidas futuras.

O ensinamento começa com as homenagens:

*Homenagem aos Oitenta e Quatro Mahasidas!*

*Homenagem ao Mahamudra!*

*Homenagem à Vajra Dakini!*

E o texto começa assim:

[1]

---

*O Mahamudra não pode ser ensinado,*

A natureza última não pode ser ensinada num sentido discursivo, porque ela não é acessível através da mente discursiva, da mente que opera com sujeito-objeto. Ela é impossível de ser descrita desse modo.

*mas Naropa, inteligente,  
uma vez que se submeteu à rigorosa austeridade,  
Com tolerância ao sofrimento e com devoção ao seu guru  
Afortunado, guarde essas instruções secretas no seu coração*

Ainda que ele tenha inteligência, teve essa austeridade rigorosa a que ele se submeteu. Ele passou por esse sofrimento, mas em nenhum momento ele duvidou que aquela manifestação diante dele - no caso, Tilopa - não num sentido grosseiro, mas num sentido sutil e secreto, seria a manifestação da lucidez dos Budas. Ele não duvidou disso. A aparência do guru não o enganou no sentido de reconhecer o aspecto sutil e secreto. Assim ele manteve essa devoção.

Quando nós vemos aqui “devoção ao guru” nós deveríamos ter cuidado, porque isso não é o aspecto externo despido do aspecto interno e do secreto. É esse conjunto. Não é que ele tenha idolatrado uma pessoa, não se trata disso. Ele reconhece o aspecto último naquela manifestação.

*Afortunado, guarde essas instruções secretas no seu coração.*

Aí Tilopa começa a descrever o Mahamudra, que não pode ser descrito.

Aqui eu considero que cada linha, cada meia linha, é um tema de contemplação. Se a gente tiver essa fortuna no sentido de pensar que contemplar é algo valioso e não basta termos um pensamento, uma decisão. Se a gente tiver a benção de que a energia apareça quando nós olhamos para isso, deveríamos seguir essa energia e fazer as contemplações de fato. Se a gente não tiver energia, a decisão não basta, porque nossa mente vai se dispersar. Se a energia aparece é porque o aspecto sutil da base da nossa mente está adequado. Quando o foco da nossa mente se debruça sobre isso, desse lugar sutil brota a energia que nos faz andar.

O ensinamento de Tilopa começa assim:

[2]

---

### *O espaço se apoia em algum lugar?*

Aqui nós deveríamos imediatamente começar o processo de contemplação. Isso não é uma pergunta teórica, ele nos convida a olhar para dentro. Quando ele diz o “espaço” é o aspecto livre, aberto da nossa mente. É como se nós estivéssemos descrevendo o que Dudjom Rinpoche vai descrever como Zanthal - essa abertura que tudo penetra, essa abertura lúcida que vê e ultrapassa todas as limitações. Tilopa está nos convidando a olhar esse aspecto muito profundo. Essa não é uma pergunta nem no nível da ciência nem no nível da filosofia. Não é uma pergunta que procura respostas. É um item para contemplação. A resposta, naturalmente, as palavras não importam, mas efetivamente o espaço é uma experiência superimportante que nós deveríamos seguir contemplando.

A contemplação do espaço é uma das práticas Nyingma, uma das meditações Nyingma. Por exemplo, olhar, simplesmente dirigir o olhar para o espaço. O espaço é um aspecto grosseiro olhado assim com os olhos. O próprio Buda vai dizer nos ensinamentos sobre o espaço. Nós falamos sobre o espaço justamente porque nada fere os nossos sentidos. Surge o espaço como uma experiência aberta da mente. Porque nós reconhecemos a experiência aberta, nós temos o espaço. Tilopa começa a apontar isso.

O espaço é o aspecto natural último da mente que não está ocupada com nenhum conteúdo dual. A experiência do espaço surge desse modo.

### *O espaço se apoia em algum lugar?*

Essa pergunta está ligada a que a gente reconheça o aspecto que é chamado Lhundrup nos outros ensinamentos, ou seja, ele é não nascido, incessantemente presente, não tem tempo, espaço incessantemente presente. Com essa pergunta Tilopa está apontando o aspecto último de modo direto completamente. Ele está introduzindo Naropa na contemplação do aspecto último que está incessantemente presente. Está introduzindo o centro da noção do guru, o centro da noção do Buda. É esse lugar.

### *Sobre o que o espaço repousa?*

Se a gente contemplar, a frase seguinte faz sentido.

*Assim como o espaço, o Mahamudra não depende de coisa alguma.*

Isso significa que o Mahamudra, essa experiência, é autossurgida. Mesmo a palavra surgida não é adequada porque parece que teve um momento que o verbo “surgir” se exerce. Autoportante, autoexistente, sendo que a palavra existência não é muito correta porque a gente sempre aponta a existência. Sempre tem algo que a gente aponta. As palavras ficam com problemas. Logo, essa expressão como está aqui é muito boa:

*Assim como o espaço, o Mahamudra não depende de coisa alguma.*

Ele não está dizendo que é existente nem que é surgido. Ele diz:

*O Mahamudra não depende de coisa alguma*

E aí ele introduz a prática. Ele diz:

*Relaxe e se estabeleça num continuum de pureza imaculada.*

Quando a gente olha esse continuum significa algo que não tem início, não tem meio, não tem fim. Está além do tempo, nesse quarto tempo. É uma presença de pureza imaculada. Pureza porque não tem nenhum referencial, nada que tenha sido construído, que passe por impermanência, que passe por alguma construção artificial. Nada aqui é forjado, não é um continuum forjado, não é um espaço forjado, é algo naturalmente presente.

E aí ele dá essa dica:

*Ao afrouxar suas amarras, a liberação é certa.*

As amarras são as construções, os referenciais comuns. A liberação é certa nesse lugar livre. O que nos impede de acessar esse lugar livre? As amarras, os referenciais, as identidades, todos os aspectos de dualidade aparente.

*Ao afrouxar suas amarras, a liberação é certa.*

**[3]**

---

*Fitando atentamente o céu vazio, a visão cessa.*

Fitando o céu vazio, não há conteúdos. Nesse sentido a visão dual cessa.

*Da mesma forma, quando a mente fita a si mesma,*

Dudjom Rinpoche diz: a mente se volta e olha para si mesma.

*Da mesma forma, quando a mente fita a si mesma, ela encontra o céu vazio,*

*e aí o fluxo dos pensamentos conceituais e discursivos cessa.*

Aqui a gente deveria fazer isso também.

No Zen isso significaria deixar cair corpo e mente. Por que deixa cair corpo? Porque todas as impressões que vierem do corpo, se nós deixamos cair corpo, nós não tomamos isso por base para desdobrar em pensamentos sucessivos através da originação dependente. Por que deixar cair mente é crucial? Porque as impressões mentais não são tomadas como base para o desdobramento das imagens dentro da própria mente que vão sucessivamente produzindo cadeias de pensamentos. Na ausência da resposta a impressões de corpo e mente, as amarras são cortadas e nós estamos simplesmente abertos nesse lugar. Quando estamos abertos nesse lugar, tendo deixado cair corpo e mente, não há uma sucessão de pensamentos. O fluxo dos pensamentos conceituais e discursivos cessa. Nós estamos abertos nesse espaço.

Quando dizemos “nós estamos abertos nesse espaço”, essas palavras não têm um sentido profundo mais. Por quê? Porque a noção de identidade, quando nós contemplamos, está ligada justamente às amarras, às formas de responder de um jeito ou de outro. Quando nós removemos essas formas de resposta é como se nós tivéssemos desaparecido. Não só o fluxo de pensamentos conceituais discursivos cessa, mas a sensação de dualidade sujeito-objeto e a sensação da existência de alguém cessa também.

*E o supremo despertar é obtido.*

Isso aqui não é informação. A gente deveria olhar, pois ele está dando a transmissão do supremo despertar. Isso não é pouca coisa! [Neste momento começou uma chuva aqui e estamos brincando dizendo que uma chuva de bençãos caiu sobre nós].

**[4]**

---

*Da mesma forma que a névoa da manhã se dissolve no ar,*

*Extinguindo-se sem ir a parte alguma,*

*As ondas de conceituação – todas as criações da mente – se dissolvem*

*Quando você contempla a verdadeira natureza de sua mente.*

Tínhamos que fazer isso e ver se dissipamos a confusão de nossa mente.

*Da mesma forma que a névoa da manhã se dissolve no ar, extinguindo-se sem ir a parte alguma, as ondas de conceituação*

- originação dependente, luminosidade da mente produzindo conceitos – *se dissolvem quando você contempla a verdadeira natureza de sua mente.*

Dudjom Rinpoche vai dizer que quando a gente se volta e olha dentro da natureza da mente, a dualidade desaparece. A mente que olha e a mente que experimenta são a mesma, a dualidade se dissolve.

Quando ele diz: *você contempla a verdadeira natureza de sua mente*” as palavras têm uma armadilha. Parece que a gente precisa evocar o Sutra do Diamante. Quando nós usamos a palavra “você”, quando dizemos a palavra “contempla”, dizemos “verdadeira natureza” e falamos em “mente”, agora nós retiramos essas palavras todas. Porque não há “você”, não há o “contemplar”, não há a “verdadeira”, nem a “natureza”, nem a “mente”. Elas são apenas palavras. Quando tomamos essas palavras, se nós nos fixarmos às palavras ou nos fixarmos na rejeição às palavras, aí estamos nos extremos, não conseguimos entender efetivamente o que está sendo falado.

Então Subhūti, quando eu digo “você contempla a verdadeira natureza de sua mente” eu quero dizer que “você” e o “contempla” a “verdadeira natureza”, etc, tudo isso é válido, é real? Aí Subhūti vai dizer: não abençoado, o abençoado usa as palavras apenas como palavras. Precisamos ter isso bem claro. Caso contrário nós começamos a recriar um Samsara do Dharma aqui.

[5]

---

*O espaço puro não tem cor nem forma*

Ou seja, ele não aparece de modo dual.

*E não pode ser tingido nem de preto nem de branco.*

Significa que o espaço é livre. Eu não consigo fazer que o espaço vire outra coisa a não ser o próprio espaço. Eu posso produzir coisas em meio ao espaço. Quando produzo coisas sobre o espaço, eu não altero o espaço, eu apenas produzo coisas que brotam do espaço, flutuam, voam dentro do espaço, mas não alteram o espaço. O espaço continua intocado. Tem essa afirmação tibetana dos mestres, ouvi Chagdud Rinpoche falando também: “os pássaros voam e o espaço segue intacto”.

*Assim, da mesma forma, a essência da mente está além de cor e forma*

*E não pode ser maculada por atos negativos ou positivos.*

Esse ponto é superimportante também. Porque, por exemplo, durante um longo tempo nós vamos ouvir os ensinamentos sobre o carma, que aliás vai ser o tema da relação inicial entre Prahevajra e Manjusrimitra. Prahevajra - Garab Dorje - recebe Manjusrimitra que vem debater com ele, como um expoente dos debatedores de Nalanda. Ele vem tentar derrubar a visão de Prahevajra, que era um menino ainda, uma emanção de Vajrasatva.

A essência do ensinamento de Garab Dorje é que *a essência da mente está além de cor e forma. E não pode ser maculada por atos negativos ou positivos.* Já Manjusrimitra traz a visão introdutória onde o carma é o ponto central. No debate é visto claramente que essa posição aqui é muito superior, ou seja,

*a essência da mente está além de cor e forma e não pode ser maculada por atos negativos ou positivos.*

Esse ponto é superimportante porque ele tem uma relação com aquilo que nós estávamos conversando ontem à noite. Por exemplo, a partir disso nós não estamos numa posição para julgar as pessoas, nós estamos numa posição para ajudá-las. Quando nós olhamos sobre o ponto de vista do carma, é como se a gente palmilhasse e visse quais são as estruturas cármicas que estão ali, e aquilo inevitavelmente vai produzir resultados. Isso seria uma coisa parecida com condenações.

Quando nós entendemos que, de fato, a estrutura cármica que possa estar operando é um tipo de perturbação que se coloca artificialmente sobre a natureza ilimitada e que, essa natureza ilimitada, não pode ser maculada de fato por atos negativos ou positivos, a gente entende que tudo que nós podemos fazer para as pessoas (ou diante das perturbações que houver) é ajudar as diferentes pessoas, os diferentes atores a reconhecerem a sua natureza livre, além das fixações, além dos sofrimentos que elas estejam vivendo, além das emoções perturbadoras, além das dores e das agressões.

Esse é um ponto superimportante. Ele está por trás também dessa brincadeira que muitas vezes eu trago que é: quando você for acusado de alguma coisa, negue! Você diga: isso não sou eu, isso é a minha doença, isso é o problema que aconteceu sobre mim, eu sou a natureza livre, mas isso não sou eu. Se quiser me condenar, trazer uma pena sobre mim, tudo bem, não tem problema, mas eu não confesso porque isso é o sintoma da minha doença e não a minha natureza. Por quê? Porque a natureza de cada um não pode ser maculada por atos positivos ou negativos. Esses atos positivos e negativos surgem como o carma. Eles surgem como conjunto de referenciais cármicos, que vão afetar de modo automático nosso próprio funcionamento.

[6]

---

*A escuridão de milhares de éons não tem poder algum,*

Não importa quanto carma foi acumulado. Esse carma, essas estruturas, essas marcas mentais não têm poder algum.

*Não pode obscurecer a pureza cristalina do coração do sol;  
Do mesmo modo, éons de Samsara não tem qualquer poder  
De velar a luz clara da essência da mente.*

Não importa o que aconteceu em tempos anteriores, não há como obscurecer a natureza cristalina da essência da mente. Isso é profundamente libertador. A expiação de todo carma, de todas as ações negativas que tenhamos feito, ela não vem pelo sofrimento, vem pelo reconhecimento da natureza livre. Nesse momento, tudo que brota condicionado, aflitivo, manifestando o sofrimento, se dissolve como um sonho que perdurou por um longo tempo.

Nós estamos contemplando esse ponto: tem a grande abertura. Agora Tilopa descreve o que é visto a partir dessa grande abertura. Ele está contemplando. A contemplação de Tilopa vem em 28 versos.

[7]

---

*Embora o espaço tenha sido designado como vazio  
Na realidade ele é inexprimível;*

Não é que a gente tenha encontrado um objeto como o espaço vazio. Na realidade ele é inexprimível. Esse é o sentido do espaço. Ele é uma abertura, não é alguma coisa.

*Embora a natureza da mente seja chamada de clara luz,  
Essa própria imputação é uma ficção verbal sem fundamento.*

[8]

---

*A natureza original da mente é como o espaço,  
ela permeia e abrange todas as coisas sob o sol.*

Aqui ele está afirmando isso de uma forma completamente natural, mas nós estudamos um bocado para poder vir eventualmente a entender essa afirmação. Todas as aparências são inseparáveis da própria mente. A natureza original da mente, que é como um espaço, acolhe todas as criações da própria mente.

*Fique quieto e permaneça relaxado em genuíno conforto;*

O ponto de fato não é nós focarmos algo, sustentarmos algo, mas nós podermos relaxar, podermos liberar os condicionantes. Isso é Zangthai, permanecer nessa abertura.

*Fique quieto, e deixe o som reverberar como um eco;*

É como a imagem em um espelho. O eco vem e parece que ele foi originado de alguém em algum lugar. Quando a gente diz *deixe o som reverberar como um eco* é como se nós tirássemos o sentido de haver alguém em algum lugar produzindo esse som. Nós tiramos o significado do próprio som.

*Mantenha sua mente em silêncio e observe a extinção de todos os mundos.*

[9]

---

*O corpo é essencialmente vazio como uma haste de junco*

Tem essa visão Guarani que os seres humanos são uma flauta em pé, acho super bonito. É mais ou menos isso. Aquilo que a gente vê no corpo não é o que nós estamos vendo. Nós vemos muito mais do que aquilo que nós temos. Se nós olharmos o aspecto material do nosso corpo, ele é irrelevante como a haste de junco. Mas o corpo surge luminoso e esse processo de relações que produzem essa manifestação luminosa é o que nós vamos olhar e ver como um corpo.

*A mente, como o espaço puro, transcende completamente o universo do pensamento.*

A mente, o espaço que acolhe esse conjunto todo de manifestações.

*Relaxe em sua natureza intrínseca, sem abandono e sem controle.  
A mente sem objetivo é Mahamudra*

Quando nós temos objetivos, estruturas, identidades buscando o caminho, nós não conseguimos esse ponto ainda. Por quê? Porque é como se nós estivéssemos operando um jogo desenhado no espaço, mas a mente sem objetivo é contemplada sem uma identidade.

*E com a perfeição da prática, a suprema iluminação é obtida.*

[10]

---

*A clara luz do Mahamudra não pode ser revelada*



*Pelas escrituras canônicas ou por tratados metafísicos  
Do Mantrahyana, das Paramitas ou do Tripitaka;  
A clara luz é velada por conceitos e ideais.*

Qualquer estrutura cognitiva vai velar a clara luz. A clara luz é a grande abertura.

[11]

---

*Ao se dar abrigo a preceitos rígidos, o verdadeiro Samaya é prejudicado.*

Samaya é o voto de pureza da nossa prática. São os nossos votos. Nesse nível qual é o verdadeiro Samaya? Qual é o voto de fato? O voto é manter a mente totalmente despoluída de qualquer construção correspondente a artificialidades. Ao se dar abrigo a preceitos rígidos, todos eles são construídos. Portanto, ao se dar abrigo a preceitos rígidos, o verdadeiro Samaya é prejudicado. Esses preceitos rígidos correspondem, por exemplo, a aspectos grosseiros ou sutis. Aqui o verdadeiro Samaya está no aspecto secreto, na liberdade natural da mente. Quando olhamos esse Samaya, nós somos capazes de acessar esse Samaya ligado à mente primordial, então todos os outros Samayas são vistos como inadequados.

Se nós não conseguimos acessar o Samaya primordial, os outros Samayas podem ser úteis para nós. Por exemplo, no aspecto grosseiro, não causar sofrimento aos outros seres, nenhuma das dez ações não virtuosas deveria ser praticada. No aspecto sutil é a prática sutil das dez ações não virtuosas que a gente deveria evitar. Mas, de fato, o verdadeiro Samaya é não nos fixarmos a nenhuma construção artificial e isso naturalmente nos livra das dez ações não virtuosas nos sentidos grosseiro e sutil. Se nós conseguimos praticar o verdadeiro Samaya, que é a instrução de Mahamudra, os preceitos rígidos são superados.

*Mas com a cessação da atividade mental (condicionada), todas as noções fixas desaparecem;*

Todas as construções fixas desaparecem. De novo a grande abertura: Zangthal.

*Quando as ondas do oceano se unem às suas profundezas pacíficas,  
Quando a mente nunca se desvia da verdade não-conceitual e indeterminada, (que é  
o Mahamudra, abertura)  
O Samaya intacto é como uma lâmpada acesa na escuridão espiritual.*

Todas as construções, todos os significados, todas as tradições, tudo é visto como construções que tem um nível de auxílio, mas não chegam ao ponto último. Olhando desde essa mente impoluta, naturalmente presente, que opera sem esforço, nós olhamos a multiplicidade dos esforços como uma escuridão espiritual. É como o aspecto secreto vê o aspecto grosseiro.

[12]

---

*Livre de conceitos intelectuais, repudiando princípios dogmáticos,  
A verdade de toda escola e escritura é revelada.*

Aqui é uma afirmação totalmente não-sectária, é a superação do sectarismo completo. Por exemplo, a divisão das linhagens, a divisão entre as pessoas, a fixação em soluções parciais, a tensão entre linhagens, a tensão entre ensinamentos, a sensação de Samaya como fixação a um tipo de ensinamento ou fidelidade a um tipo de ensinamento. Todos esses aspectos são princípios dogmáticos, eles estão dentro daquilo que ele vai chamar de escuridão espiritual. Ainda que nós tenhamos seguido por um longo tempo por fidelidades, tensões e princípios dogmáticos, justamente isso que permitiu que a gente tivesse seguido o caminho, tivesse obtido o resultado, nesse momento, é como se, na linguagem do Prajnaparamita, nós atravessamos com o barco até a outra

margem e agora nós nos desvencilhamos do barco. A verdade de toda escola e escritura se revela como a outra margem, mas eu não preciso mais agora do barco.

### [13]

---

*Absorvido no Mahamudra, você está livre da prisão do Samsara;  
Que inclui a escuridão espiritual.*

Você não precisa mais ter tensão entre as escolas, entre as classes de ensinamento, entre as línguas que trazem o Dharma, entre as diferentes tradições espirituais. Nós estamos livres da prisão do Samsara.

*Estabilizado no Mahamudra, a culpa e a negatividade são aniquiladas.  
Não há mais identidades a serem culpadas.  
E como mestre do Mahamudra, você é a luz da doutrina.*

Aqui nós também teríamos que nos valer dos ensinamentos do Sutra do Diamante e retirar todas as palavras. Ainda assim, não há Budas, não há seres sencientes, não há Mahamudra, não há doutrina, não há luz e não há mestre. Essas palavras são usadas apenas como palavras. Quando a gente usa essas palavras como palavras, alguma coisa é dita. Essas palavras usadas como palavras dizem alguma coisa que está além das próprias palavras. Por isso a gente pode repetir: *como mestre de Mahamudra, você é a luz da doutrina.*

Aqui é como se fosse a morte final. Todos os seres nascem, vivem e morrem, mas tem uma morte, que é a morte das identidades. Quando ele diz você é “mestre do Mahamudra” não tem mais um você, isso é quando a gota de água volta ao oceano. Como a gota pode ficar preservada? A gota d'água só se preserva dentro do oceano. Quando ela volta ao oceano, ela deixa de ser uma gota. A identidade se funde. Como mestre de Mahamudra a gota se fundiu na água, não tem mais o “você”. Essa abertura é a luz da doutrina, é o aspecto secreto, a clareza de todos os ensinamentos.

### [14]

---

*O tolo, em sua ignorância, desdenhando o Mahamudra*

O que seria o tolo na sua ignorância? Ele está fixado em alguma coisa, por isso ele vai ser chamado de tolo. Não importa qual é a ignorância. Pode ser uma ignorância no estabelecimento do Samsara ou pode ser ignorância da escuridão espiritual; pode ser ignorância do sectarismo, pode ser a ignorância da luta e da tensão entre os grupos.

*Não conhece nada além do esforço na enxurrada do Samsara.*

Ele segue na enxurrada do Samsara como se aquilo fosse os aspectos elevados, ele se mantém fazendo esforços. Ele não consegue perceber a abertura e a dissolução da ignorância. E Tilopa diz:

*Tenha compaixão por aqueles que sofrem constante ansiedade.  
Cansado da dor incessante e desejando a liberação, siga um mestre,  
Pois quando a bênção dele tocar o seu coração, a mente será liberada.*

### [15]

---

*Kyeho! Ouça com alegria!  
Investir no Samsara é fútil; é a causa de toda a ansiedade.*

*Uma vez que o envolvimento mundano não tem sentido,  
Busque o coração da realidade.*

## **[16]**

---

*Na transcendência da dualidade da mente, está a visão suprema.  
A grande abertura.  
Em uma mente quieta e silenciosa, está a meditação suprema.*

Em uma mente quieta e silenciosa, portanto, além da dualidade da mente, mantendo a visão suprema, está a meditação suprema.

*Na espontaneidade,  
Portanto da visão suprema e da meditação suprema.  
Está a atividade suprema.  
Quando todas as esperanças e medos estiverem mortos, o objetivo foi alcançado.*

## **[17]**

---

*Além de todas as imagens mentais  
(Além de tudo que é construído de modo dual)  
a mente é naturalmente clara.  
Não siga caminho algum para seguir o caminho dos Budas.  
Não empregue técnica alguma para alcançar o supremo despertar.*

Aqui ele está descrevendo o aspecto secreto. Naturalmente, por um longo tempo nós seguimos o caminho de Samaya relativo, seguindo instruções no nível grosseiro e no nível sutil. Mas tem o ponto em que, no nível secreto, em que não vamos atingir o supremo despertar através de alguma técnica fabricada. As imagens mentais são a névoa, mas ela não chega a obstaculizar a mente que é naturalmente clara.